

## A EUROPA DO DESEJO E DOS PROJECTOS

**Isabel de Barros Dias**

(Universidade Aberta)

*Kath.* — Is it possible dat I sould love de enemy of France?

*King* — No, it is not possible you should love the enemy of France, Kate, but in loving me you should love the friend of France; for I love France so well that I will not part with a village of it; I will have it all mine. And, Kate, when France is mine and I am yours, then yours is France and you are mine.

Shakespeare, *King Henry the Fifth*, Acto 5, cena 2

No âmbito de uma reflexão multifacetada e polifónica sobre “A Construção da Europa”, será pertinente discutir um pouco a questão do papel que o discurso terá desempenhado neste processo. Considerando, por um lado, que é particularmente difícil transmitir qualquer conceito sem recorrer à linguagem e, pelo outro lado, que a produção de discursos neutros é um objectivo virtualmente impossível, torna-se imperioso ter este factor em conta.

Com efeito, mesmo se de forma involuntária, todo e qualquer discurso encontra-se marcado pelas intenções e convicções de quem o produziu ou inspirou. E, na realidade, quando um texto reclama de modo pertinaz a veracidade e a precisão das informações que veicula, essa insistência nem sempre corresponde a uma preocupação e séria, consistindo, em boa parte dos casos, numa estratégia retórica relativamente óbvia que raramente consegue camuflar o que pretende.

O discurso historiográfico medieval constitui um campo particularmente fértil para a verificação deste tipo de ocorrências. Como já foi demonstrado, trata-se de uma época, até certo ponto, alheia a uma noção estreita de “verdade”, para a qual será mais adequado falar de “autêntico” ou de “aprovado”<sup>1</sup>. Trata-se ainda de uma época que soube aproveitar as capacidades performativas da linguagem de forma admirável. Com efeito, e até certo ponto, à imagem da Voz Divina que, ao dizer, cria ou ainda, à imagem das fórmulas sacramentais e mágicas, onde o enunciado também é suposto coincidir com o acto, efectivando o que significa<sup>2</sup>, a linguagem e, mais

---

<sup>1</sup> Sobre este assunto ver Bernard Guenée, *Politique et Histoire au Moyen Âge. Recueil d'articles sur l'histoire politique et l'historiographie médiévale (1956-1981)*, Paris, Publications de la Sorbonne, 1981 (15: « “Authentique et approuvé”. Recherches sur les principes de la critique historique au Moyen Age », pp. 265-277). Este artigo debruça-se sobre a questão da existência de crítica histórica na Idade Média, mesmo se em termos distintos dos actuais, uma vez que neste período a distinção entre verdadeiro e falso era secundária relativamente à diferença entre apócrifo e autêntico, aprovado ou autorizado. Autênticos eram todos os documentos escritos por alguém com autoridade, logo dignos de fé, ao que se opunham os textos Apócrifos. Os autores mais antigos estavam autorizados pela tradição; os mais recentes precisavam de uma autoridade (nomeadamente de uma autoridade pública) que caucionasse, aprovasse e, por conseguinte, autenticasse a obra. Daí a preocupação dos diversos autores em usar fontes autorizadas (tanto quanto possível, as mais creditadas), fazer dedicatórias (o que implica a colocação sob uma autoridade superior) e finalmente, o mais evidente, a elaboração de histórias oficiais patrocinadas e, conseqüentemente, caucionadas por um príncipe ou por uma cidade (no último caso, verificando-se a aprovação pelas autoridades urbanas, o texto oficial era guardado numa biblioteca ou arquivo público). O zénite deste modo de encamar e de validar textos ocorre quando uma falsificação é aprovada por uma autoridade. Iguamente sobre a questão do falso ver Roger Dragonetti, *Le mirage des sources. L'art du faux dans le roman médiéval*, Paris, Seuil, 1987, onde o autor salienta o aspecto performativo da composição literária, nomeadamente da historiográfica onde manipulações e invenções são veiculadas mediante estratégias que promovem a sua credibilidade, constituindo-se assim em persuasivas construções ou ficções de «verdade».

<sup>2</sup> Sobre a questão do poder e da eficácia de palavras e fórmulas que aliam o valor significativo a uma capacidade operativa ver Irène Rosier, *La Parole comme acte – sur la grammaire et la sémantique au XIIIe siècle*, Paris, Vrin, 1994.

concretamente, a linguagem da historiografia medieval, foi pródiga na construção de factos e noções. No entanto, se muitas das “falsificações” deste período não resistiram a investigações mais aturadas levadas a cabo desde o período Renascentista, o mesmo não se poderá dizer de diversas noções que perduraram como verdades inquestionadas durante séculos. Ao que acresce ainda a noção que considera os “falsos” como “representantes das verdades ideais”, o que os eleva a uma esfera “outra” onde são bem menos “atacáveis” ou “desmascaráveis”<sup>3</sup> ...

Um caso concreto, particularmente notável, e que serve muito bem de ilustração às questões acima apontadas teve lugar precisamente na Península Ibérica, na segunda metade do séc. XIII. Referimo-nos à obra produzida no *scriptorium* de Afonso X, rei de Castela e de Leão, em particular a sua obra historiográfica, que se encontra indelevelmente marcada pelos projectos políticos do seu mentor, ou seja, as aspirações tanto ao Império Hispânico como ao Sacro Império Romano-Germânico. Estes textos tornam-se tanto mais interessantes quanto os sonhos e projectos para os quais apontavam não se concretizaram. No entanto, os vectores textuais que, como uma colunata, sustentariam a cúpula que consistiria na entronização imperial deste soberano existem e são verificáveis, apesar dos relatos terem ficado inacabados, também neste aspecto, à semelhança das aspirações políticas...

O facto das duas obras historiográficas cuja elaboração foi desencadeada por iniciativa de Afonso X espelharem o projecto político deste rei tem sido frequentemente verificado e sublinhado<sup>4</sup>. A *General Estoria*<sup>5</sup> pretende ser

---

<sup>3</sup> Aron Gurevitch, *As categorias da cultura medieval*, Lisboa, Caminho, 1990, p. 208.

<sup>4</sup> Sobre este assunto, ver, por exemplo, Cayetano Julio Socarrás, *Alfonso X of Castile and the idea of Empire*, UMI-Dissertation Information Service (New York University, Ph.D., 1969), 1990; Francisco Márquez Villanueva, *El Concepto Cultural Alfonsí*, Madrid, Mapfre, 1995 ou Charles F. Fraker, *The Scope of History – Studies in the Historiography of Alfonso el Sabio*, Ann Arbor / The University of Michigan Press, 1996 (nomeadamente “Alfonso X, the Empire and the *Primera Crónica*”, pp. 155-169). Ainda sobre os projectos político e cultural de Afonso X, ver Robert A. MacDonald, “Derecho y política: El programa de reforma política de Alfonso X”, Robert I. Burns, S. J. (ed.), *Los mundos de Alfonso el Sabio y Jaime el Conquistador – Razón y fuerza en la Edad Media*, Valencia, edicions Alfons el Magnànim / Institució Valenciana d’Estudis i Investigació, 1990, pp. 179-232; Joseph F. O’Callaghan, “Image and reality: the king creates his kingdom”, Robert I. Burns, S. J. (ed.), *Emperor of Culture – Alfonso X the Learned of Castille and His Thirteenth-Century*

uma história universal, tendo como objectivo a narrativa do percurso da Humanidade desde os seus primórdios até à actualidade<sup>6</sup>, apontando assim para as dimensões mais latas do Sacro Império. A *Estoria de Espanna*<sup>7</sup>, também não apresenta quaisquer limites temporais. No entanto, assume algumas restrições a nível espacial ao pretender concentrar-se em aconte-

---

*Renaissance*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1990, pp. 14-32 ou igualmente Joseph F. O'Callaghan, *El rey Sabio – el reinado de Alfonso X de Castilla*, Sevilla, Universidad de Sevilla, 1996; Leonardo Funes, *El modelo historiográfico alfonsí: una caracterización*, London, Department of Hispanic Studies / Queen Mary and Westfield College, 1997 e Manuel González Jiménez, “Alfonso X, rey de Castilla y León (1252-1284)”, Jesús Montoya Martínez e Ana Domínguez Rodríguez (eds.), *El Scriptorium alfonsí: de los libros de astrología a las «Cantigas de Santa María»*, Madrid, Editorial Complutense, 1999, pp. 1-15.

<sup>5</sup> Este projecto, de dimensões extraordinárias, ficou inconcluso antes sequer de entrar na Era Cristã (VI Parte). Para uma listagem dos trechos desta obra já editados ver Inés Fernández-Ordóñez, “Antes de la *collatio*. Hacia una edición crítica de la *General estoria* de Alfonso el Sabio (segunda parte)”, Aengus Ward (ed.), *Teoría y práctica de la historiografía hispánica medieval*, Birmingham, The University of Birmingham Press, 2000, pp. 124-148 (pp. 142-43). Aqui foi usado meramente o texto da I Parte: Antonio G. Solalinde (ed.), *Alfonso el Sabio, General Estoria, Primera Parte*, Madrid, Centro de Estudios Históricos, 1930 (daqui em diante **GE**).

<sup>6</sup> “e fiz ende fazer este libro, e mande y poner todos los fechos sennalados tan bien delas estorias dela Biblia, como delas otras grandes cosas que acahesçieron por el mundo, desde que fue comenzado fastal nuestro tiempo.” (GE, I, 3b).

<sup>7</sup> Para esta obra será aqui considerada a versão editada por Ramón Menéndez Pidal como *Primera Crónica General de España*, Madrid, Gredos, 1977 (daqui em diante **PCG**). Saliente-se, no entanto, que esta edição se baseou em dois manuscritos compostos onde intervieram diversas mãos em épocas distintas. No entanto, o seu trecho inicial (até ao cap. 616) consiste na “versão régia” afonsina, ou seja, o texto aprovado pelo soberano como “oficial” aquando da redacção da primeira versão da *Estoria de Espanna*. Cabe ainda referir aqui que, actualmente, a crítica reconhece duas versões afonsinas da *Estoria de Espanna*, a “versão primitiva” (cerca 1270-74) e a “versão crítica” (cerca 1282-84). Estas duas versões foram posteriormente combinadas das mais variadas formas, abreviadas, ampliadas, adaptadas, traduzidas e entrecruzadas com novas fontes ou com trechos de fontes já usadas mas anteriormente desprezados, dando origem a uma família textual enorme e extremamente complexa. Sobre estas questões ver Diego Catalán, *De Alfonso X al conde de Barcelos*, Madrid, Gredos, 1962 e, mais recentemente, *idem*, *De la silva textual al taller historiográfico alfonsí — Códices, crónicas, versiones y cuadernos de trabajo*, Madrid, Fundación Ramón Menéndez Pidal / Universidad Autónoma de Madrid, 1997 e *idem*, *La Estoria de España de Alfonso X — creación y evolución*, Madrid, Fundación Ramón Menéndez Pidal / Universidad Autónoma de Madrid, 1992. Ver ainda Inés Fernández-Ordóñez, *Versión Crítica de la Estoria de España*, Madrid, Fundación Ramón Menéndez Pidal / Universidad Autónoma de Madrid, 1993, bem como a útil síntese: *idem*, “La transmisión textual de la “Estoria de España” y de las principales “Crónicas” de ellas derivadas”, *Alfonso X el Sabio y las Crónicas de España*, Valladolid: Fundación Santander Central Hispano / Centro para la Edición de los Clásicos Españoles, 2000, pp. 219-260.

cimentos ocorridos em solo ibérico<sup>8</sup>. Porém, esta limitação é frequentemente ultrapassada uma vez que a *Estoria de Espanna*, apesar de se centrar na defesa das aspirações aфонsinas a um Império Hispânico, não descarta as ambições ao Sacro Império<sup>9</sup>. Os extensos capítulos dedicados à história do Império Romano são um dos exemplos mais flagrantes desta dupla preocupação<sup>10</sup>.

Torna-se pois particularmente interessante verificar como, de um ponto de vista retórico, estes dois textos, em contraponto, constróem a “sua” Europa, ou seja, aquela que importa, para onde convergem os projectos e desejos de um determinado soberano e ideólogo, cujos direitos e interesses é necessário defender.

Assim, num primeiro nível, é possível encontrar referências bastante neutras e mesmo vagas à “Europa”, caso da descrição geográfica:

---

<sup>8</sup> “E por end Nos don Alfonso, [...] mandamos ayuntar quantos libros pudimos auer de istorias en que alguna cosa contassen de los fechos dEspanna, [...] et compusiemos este libro de todos los fechos que fallar se pudieron della, desdel tiempo de Noe fasta este nuestro.” (PCG: I, 4a).

<sup>9</sup> Este assunto já foi estudado por Charles F. Fraker, *op. cit.* (nomeadamente em “Alfonso X, the Empire and the Primera Crónica”, pp. 155-169). Segundo este autor, a *Estoria de Espanna* seria simultaneamente uma história peninsular e uma história imperial, duas linhas que convergiam, no final do texto, na pessoa de Afonso X. Uma vez que as circunstâncias históricas impossibilitaram o final desejado pelo rei Sábio, o texto incompleto acabou por ser terminado de forma diferente, perante a qual os elementos referentes à história romana perderam a adequação e o significado que teriam se o projecto inicial tivesse podido ser levado a bom termo. Ver ainda Leonardo Funes, “Nuevas y viejas lecturas de la historiografía alfonsí”, *Incipit*, XVII, 1997, pp. 255-273 que, concordando com a hipótese em como a *Estoria de Espanna* previa a junção final de dois fios narrativos, contesta, no entanto, a associação entre o fim do sonho político de Afonso X e a interrupção do trabalho nesta obra (o que aliás é contrariado pelos estudos levados a cabo sobre a “versão crítica” que mostram como até à morte de Afonso X o texto ainda continuava a ser revisto): “Probablemente esta vinculación causal entre fracaso político e interrupción de la labor redactora se deba a una concepción demasiado instrumentalista de la función ideológica o política de los textos. La funcionalidad ideológica persiste en lo esencial: búsqueda de consenso mediante la difusión de una percepción histórica de los actos políticos del rey. Lo que el fin de la empresa imperial trajo fue un cambio de signo: de una fundamentación positiva a una justificación reivindicativa; un sesgo ideológico este último suficientemente probado en el caso de la ‘versión crítica de la EE’.” (p. 262).

<sup>10</sup> Para uma análise da narrativa deste período, não só na *Estoria de Espanna* como em algumas das suas reformulações, ver Isabel de Barros Dias, “«Translatio Auctoritatis»”, *Actas del VIII Congreso Internacional de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval*, Santander, Consejería de Cultura del Gobierno de Cantabria / Año Jubilar Lebaniego / Asociación Hispánica de Literatura Medieval, 2000, pp. 639-649.

Europa comienza en occident, e de como cata a orient de siniestro tiene fasta septentrion; de diestro comienza en el algarbe de Espanna e en el mar de Caliz; e subiendo la tierra arriba contra orient como ua aquel mar Mediterraneo, que es el mar de medio de las tierras, tiene fasta medio de ellas. (GE: I, 45a)

O mesmo se verifica com a explicação do seu nome, que apresenta traços evidentes de evemerismo:

Europa otrossi lieua este nombre de Europa, fija del rey Agenor e hermana de Cadmo, rey de Tebas, la que leuo robada el rey Jupiter en figura de thoro; mas aquella figura de toro estava pintada en la naue en que uino el rey Jupiter quando la leuo e la robo; et puso por ende del nombre della a esta tercera parte del mundo, e dixol Europa como dizien a ella. (GE: I, 46a)

Por outro lado, também é possível encontrar diversas alusões que remetem já para um nível menos neutro na medida em que equacionam a Europa com os seus povoadores, ou seja, a “linhagem” a que “pertence”, definida aquando da partilha do Mundo pelos filhos de Noé:

Los sabios que escriuieron todas las tierras fizieron de ellas tres partes: e la una que es mayor pusieron nombre Asia, e la otra Affrica, e la tercera Europa. De Asia e de Affrica oydo auedes ya en otros libros quamanas son e quales, mas aqui queremos fablar de Europa porque tanne a la estoria de Espanna de que uos queremos contar, onde dezimos assi: que pues que desampararon aquellos de fazer la torre e derramaron por el mundo, los fijos de Sem, el hermano mayor, heredaron Asia, mas non toda; los fijos de Cam, el hermano mediano, heredaron toda Affrica; mas los fijos de Japhet, el hermano menor, comenzaron a heredar desde Amano e Thoro que son dos montes en la tierra que es llamada Cilicia, e de Siria la mayor, que son amas en Asia, et heredaron a buelta con ellas toda Europa desde la grand mar, que cerca toda la tierra, que es llamado en griego Oceano, fasta la otra mar que llaman Mediterraneo por que ua por medio de la tierra e faze departamento entre Europa e Affrica, e acabasse Europa encabo de Espanna en Caliz, que es llamada ysla de Hercules, o se ayuntan amas estas mares sobredichas. Onde estos tres linages desde ouieron partidas las tierras, assi cuemo uos dixiemos, nos touieron por complidos de lo que auien, e punnaron en toller se las tierras los unos a los otros, por que ouo entrellos muchas guerras, de que nacieron grandes contiendas e lides e muertes. E cuemo quier que los fijos de Cam e de Japhet ganaron alguna cosa en Asia por fuerça, nos non queremos fablar de los otros linages, fueras solamiente de los fijos de Japhet, por que ellos fueron comenzamiento de poblar Espanna

(PCG: I, 5a)

Este texto prossegue ainda com uma descrição mais pormenorizada dos termos da Europa<sup>11</sup>, indicando seguidamente a forma como o território europeu foi distribuído pelos sete filhos de Jafet, dando origem aos respectivos povos. Desta forma, o texto transforma rapidamente uma Europa geográfica numa Europa de etnias, mais conveniente, nomeadamente porque é com base neste factor que é fornecida uma justificação para um dos grandes objectivos peninsulares do momento, a Reconquista, que, por seu turno, se inscreve no programa geral do antagonismo entre a Cristandade e o Islão:

Pues que dezimos assi segund Iosefo, Noe desque fue passada la fuerça del uino, e esperto, e sopo el el riso e ell escarnio que Cam su fijo fiziera del, yl maldixo en sos fijos e en sus generationes, e los dio en su maldicion por sieruos a Sem e a Japhet e a los suyos, segund cuenta Moysen enel noueno capitulo. [...]

Onde, quien quisiere saber dond uino esta enemizta tan grand e tan luenga entre los cristianos e los moros, daqui cate la razon, ca los gentiles que oy son e los cristianos uienen principal mente de Sem e de Iaphet, que poblaron a Asia e a Europa. Et esto assi es maguer que aun algunos delos de Cam se ayan tornados cristianos, o por predicacion, o por premia de prision e de seruidumbre. E los moros uienen principal mente de Cam, que poblo a Affrica, aun pero que aya algunos delos de Sem e de Iaphet, que por el falso predicamiento de Mahomat se tornassen moros.

Onde tenemos nos, segund este derecho e priuilegio, que Noe nuestro padre nos dexo a los de Sem e de Iaphet, dond nos uenimos, que toda cosa de tierra e de al que nos delos de Cam de Affrica, e dond quier quelos moros sean en quales quier otras tierras; ca pues que moros son, todos son de Cam, et si pudieremos algo leuar dellos por batalla o por qualquier fuerça, e aun prender a ellos e ferlos

---

<sup>11</sup> “Europa comienza en un río que a nombre Thanays, e de la una parte la cerca el mar Mediterraneo, e de la otra el mar Oceano. Este río Thanais nace en los montes Ripheos y es moion entre Asia y Europa. En el grand mar Oceano, de la parte de cierço, ay muchas yslas assi cuemo Inglaterra, a que llamaron antiquamiente Bretanna la mayor; e es Ibernia, a la que llaman Yrlanda; e son y Escocia e Escancia, a que llaman Noruega; e es y Thisia e otra ysla que llaman Tile. Todas estas son de parte de cierço, las unas contra occident e las otras contra orient. Otras yslas y a menores, que son de la pertenencia de Europa, que yazen en el mar Mediterraneo e comiençan a parte doccident e uan contra orient; e los nombres dellas son estos: Mayorga, Minorga, Euiça, Formentera, Corsida, Sardenna, Cezilia, Mithelena, la cibdat de Venecia, Creta e Pathmos, Ponto e Curpho, e todas las yslas menudas que yazen en pertenencia de Constantinopla, e aun ella misma yaze en pertenencia de Europa. Todo lo que es destos terminos, que uos dixiemos, heredaron siete fijos de Japhet:” (PCG: I, 5a-b).

nuestros sieruos, que non fazemos y pecado, nin tuerto nin yerro alguno. [...] Pero el dicho dela maldicion de Noe, que era el padre, que es como priuilegio de enemiztad, por siempre finco e finca entre nos e los de Cam, e aun que esta enamiztad que es ya fecha como natural entre nos e ellos. Mas entre nos los cristianos e los gentiles, que son aun y delos de Sem, e si algunos y a otrosi en ellos delos de Japhet, dezimos que deuie seer amiztad e aun que se faze como natural segund los dichos de Noe, e sobre todo con el debdo que auemos dicho que dixo Noe enel noueno capitulo dela Biblia, que morasse Japhet enlas tiendas de Sem, semeia que non deue auer entre nos e ellos enamiztad natural, como entre nos e los moros. (GE: I, 52b-54a)

O “desvio” que faz com que a uma divisão do Mundo em Continentes se sobreponham divisões étnicas aponta igualmente para outra tipologia que, no momento, parece inclusivamente ser valorizada, uma vez que oferece possibilidades mais amplas de exploração. Trata-se da organização do Mundo de acordo com os quatro pontos cardeais, aos quais correspondem quatro grandes Impérios que se sucedem no tempo<sup>12</sup>:

Quatro son las partes del mundo segund los sabios antigos las nombraron: Orient, Occident, Septentrion, Mediodia; e segund aquesto fueron quatro los emperios que sennorearon el mundo: el primero Babilonia a parte dOrient en el tiempo del rey Nino; el segundo a parte de Mediodia en Affrica, en Cartago la grand, en tiempo de la Reyna Dido; el tercero en Macedonia a parte de Septentrion en el tiempo dAlexandre; el quarto en Roma a parte dOccident en tiempo de Julio Cezar. (PCG: I, 15b)

Trata-se de uma tipologia particularmente útil na medida em que funciona não só a nível geográfico mas, também, e sobretudo, a nível temporal, prolongando-se até à actualidade coeva graças à convicção generalizada que o Império Romano era o antecedente imediato do Sacro Império<sup>13</sup>. Desta forma, sendo o Império Romano o último dos quatro Impérios mundiais,

---

<sup>12</sup> A ideia da sucessão dos quatro Impérios (e a decorrente noção de *translatio imperii*) constitui um paradigma da periodização historiográfica pagã adoptada por Eusébio de Cesareia. Sobre este assunto ver Pedro Juan Galán Sánchez, *El género historiográfico de la chronica. Las crónicas hispanas de época visigoda*, Cáceres, Universidad de Extremadura, p. 19. O tema ocorre na GE de forma explícita com uma certa frequência, como sucede, por exemplo, na GE: I, 40 ou 79-81, ao que acresce o facto da sucessão dos quatro Impérios ser a longa duração que permanece subjacente à organização desta história universal.

torna-se lógico assumir o seu prolongamento, além da actualidade coeva, até ao fim dos tempos:

E segund departe otrossi maestre Pedro, en esta prophecía propheto Balaam el sennorio delos romanos que ouieron sobre tod el mundo, e el destruymiento dellos en cabo delos tiempos. (GE: I, 673a).

Estamos assim perante diversos vectores que sobrepõem noções geográficas e temporais. Trata-se de noções presentes em múltiplos textos e reflexões do período medieval e que a historiografia afonsina aproveita de forma bastante inteligente uma vez que as direcciona para os seus próprios fins, ou seja, a defesa de um projecto imperial simultaneamente Ibérico e Europeu.

Particularmente interessante é ainda a forma como nas duas *Histórias* afonsinas, se constrói um paralelo entre o Império Hispânico e o Sacro Império. Com efeito, Afonso X cria, para a Península, uma forma de medição temporal cuja lógica se aproxima da noção dos quatro Impérios — trata-se do “Senhorio”<sup>14</sup>. Do mesmo modo que a sucessão dos quatro Impérios norteia a organização da *General Estoria*, a sucessão dos povos que dominaram a Península constitui a espinha dorsal da *Estoria de Espanna*. Do mesmo modo que o tempo do Império Romano é continuado pela duração do Sacro Império, também se sucedem os vários senhorios hispânicos, até aos reis da Reconquista, entendidos como continuadores directos dos reis Godos que são, por sua vez, apresentados sob uma perspectiva de assimilação com Roma<sup>15</sup>, o que, de uma forma que dificilmente pode deixar de ser inocente, constitui o terceiro ou quarto, porventura

---

<sup>13</sup> Trata-se de uma noção amplamente difundida, visível nomeadamente em trechos de filiação não afonsina como por exemplo na primeira redacção da *Crónica de 1344*, caso do cap. VII (“Del ynperio de los rromanos.”) onde a listagem dos Imperadores romanos prossegue com os soberanos do Sacro Império: Diego Catalán e María Soledad de Andrés, *I edición crítica del texto español de la Cronica de 1344 que ordenó el Conde de Barcelos don Pedro Alfonso*, Madrid, Gredos, 1970, pp. 5-10.

<sup>14</sup> Ver Inés Fernández-Ordóñez, *Las Estorias de Alfonso el Sabio*, Madrid, Istmo, 1992, sobretudo parte I: “El ‘Imperium’, base de la organización de la historia alfonsí”. Ver ainda Isabel de Barros Dias, “Sincronismos de história antiga em Afonso X, o Sábio”, *Evphrosyne*, XXVIII, 2000, pp. 259-270.

último senhorio assinalado na *Estoria de Espanna*<sup>16</sup>. A junção final destes dois poderes, dissociados na maior parte do tempo<sup>17</sup>, de acordo com as aspirações de Afonso X, teria lugar precisamente durante o seu próprio reinado, quando o Império Europeu se encontrasse sob liderança hispânica.

Estes elementos vão ainda articular-se com outra noção, uma das mais fortes e difundidas no período medieval, a *translatio imperii et studii*, segundo a qual o “Saber” e o “Poder” efectuavam um movimento de translação que, à imagem do sol, partia do Oriente em direcção ao Ocidente:

---

<sup>15</sup> Seja pelos casamentos que procuraram unir as duas raças (caso de Placidia: PCG, cap. 408, 409) pelas alianças e amizade que terão frequentemente unido os líderes de ambos povos (PCG, cap. 399 ou 406, por exemplo) pelos espaços que ambos dominam ainda que em tempos sucessivos – caso de Roma (PCG, cap. 408), seja finalmente por apresentarem uma antiguidade equiparável à das tradições Greco-latinas (PCG, cap. 386-391) onde até participa um filho de Hércules, o que não deixa de insinuar uma ténue ligação com a Península, uma vez que, segundo a historiografia afonsina, o seu primeiro unificador terá sido precisamente Hércules. Sobre este último ponto ver Isabel de Barros Dias, “Le Duel des Géants”, Rosanna Brusegan, Alessandro Zironi, Anne Berthelot e Danielle Buschinger (eds.), *L'Antichità nella Cultura Europea del Medioevo*, Greifswald, Reineke-Verlag, 1998, pp. 195-205. De notar ainda que esta forma de apresentar / valorizar os Godos já surge, nomeadamente, em João de Bicláro ou em Isidoro de Sevilha. Sobre o primeiro e a especial atenção que ele dá à questão da unificação religiosa e política do reino Godo que se assume como continuador / equivalente do poder romano sobre a Península, ver a análise de Pedro Juan Galán Sánchez, *op. cit.*, sobretudo pp. 167-172. Quanto ao segundo, são diversos os elogios feitos aos Godos em geral e, em particular, aos reis Recaredo (responsável pela conversão ao Catolicismo) e Suintila (apresentado como o unificador territorial por excelência, elevando-se assim estrategicamente face ao ariano Leovigildo).

<sup>16</sup> Terceiro ou quarto consoante se considere o domínio Grego como senhorio ou não. Com efeito, é curioso constatar como depois de referir os “senhorios” dos “Almuiuces”, dos de África e dos Romanos, a *Estoria de Espanna* passa à “estória” dos diversos povos bárbaros seguida pela “estória” dos Godos. Tendo em conta a lógica dos quatro Impérios mundiais e a sua importância no seio do pensamento afonsino, talvez não seja muito descabido colocar a hipótese de uma vontade de dar um tratamento semelhante ao domínio da *Hispania* onde o último senhorio, o dos Romanos, entroncaria no poderio Godo que, por sua vez, seguiria com os soberanos da Reconquista. Assim o neo-goticismo sucessivo dos reis asturianos, leoneses e finalmente castelhanos poderia ainda ser completado por um “neo-romanismo” godo.

<sup>17</sup> Com efeito, enquanto que a linha do Império romano prosseguiu pelo oriente e depois pelos soberanos do Sacro Império e a linha Goda pelos reis peninsulares, Afonso X vê na sua pessoa a hipótese de restaurar a união fracassada e estéril de Placidia com Ataulfo.

E maguer que Abraham finco poco en aquella tierra, tanto ensennaua bien e aguda mientras, que de estonçes aprendieron los dalli las artes liberales e las sopieron por Abraam, qui las decogio en Caldea o fueron primero, e las ensenno el en Egipto; e por esso dizen Josepho e maestre Godofre que estos saberes primero fueron en Caldea que es otro lugar, e dalli los ouieron los de Egipto, e de Egipto uinieron a los griegos, e delos griegos a los de Roma, e de Roma a Affrica o a Francia; e por esta razon dixo otrossi Josepho que el comienço del saber, e de los reyes e delas batallas, que de oriente se leuanto primero e en occidente se deue acabar, et que esto es segund que anda el sol. (GE: I, 110b-111a)<sup>18</sup>

Com efeito, tudo parece apontar para a Península Ibérica e, quase que como por osmose, para Afonso X. A esta teia ideológica nem falta uma profecia que aponta para “um” príncipe cristão, nascido em Espanha, que será senhor de todo o Mundo e que, com a sua existência, iluminará e valorizará a Humanidade<sup>19</sup>. Ao que acresce ainda a construção de uma linhagem que faz de Afonso X descendente do próprio Júpiter, “senhor de toda a Europa”:

Et del linage deste Juppiter uino otrossi el grand Alexandre, ca este rey Juppiter fallamos que fue el rey deste mundo fastal día doy que mas fijos et mas hijas ouo, e condes de muy grand guisa todos los mas, e reynas, como uos contaremos

---

<sup>18</sup> Ao que acresce ainda outro trecho, igualmente ilustrativo: “E assi como dize Oracio e las glosas de sobrel, comien alli los philosophos muy poco pan, e delas rayzes delas yeruas que fallauan por y, e beuien del agua daquel rio, e alli estidieron fasta que apuraron aquellos siete saberes, e los pusieron a cada unos en sus reglas ciertas; e maguer que nos auemos dicho ya, segund Josepho, que los saberes del quadruiio tomaron el comienço en Caldea, e dalli uinieron a Egipto a Grecia, esto dezimos que es uerdad quanto al su comienço mas dotra guisa en Grecia fueron apurados e acabados, e puestos en certedumbre, e desi Roma o los romanos, o aun los latinos, que se entienden como dixiemos por aquel Pan que amaua a Siringa que querie auer la connoscencia de todas las cosas, por que quisieron auer delos griegos siete saberes e ouieron los ende, ca nos los latinos delos griegos auemos los saberes.” (GE: I, 165b).

<sup>19</sup> “Otrossi fallamos en las estorias que a aquella ora que Ihesu Cristo nascio, seyendo media noche, aparescio una nuue sobre Espanna que dio tamanna claridat et tan grand resplendor et tamanna calentura cuemo el sol en medio día quando ua mas apoderado sobre la tierra. E departen sobresto los sabios et dizen que se entiende por aquello que, despues de Ihesu Cristo, uernie su mandadero a Espanna a predigar a los gentiles en la ceguedat en que estauan, et que los alumbrarie con la fe de Cristo; et aqueste fue sant Paulo. Otros departen que en Espanna auie de nacer un princep cristiano que serie sennor de tod el mundo, et ualdrie mas por el tod el linage de los omnes, bien cuemo esclarecio toda la tierra por la claridat daquella nuue en quanto ella duro.” (PCG: I, 108b).

en las estorias delas sus razones; e del uinieron todos los reyes de Troya, e los de Grecia, e Eneas, e Romulo, e los cesares, e los emperadores; e el primero don Frederico, que fue primero emperador delos romanos, et don Frederic, su nieto el segundo deste don Frederic, que fue este otrossi emperador de Roma que alcanço fastal nuestro tiempo, e los uienen del linage dond ellos e los sos, e todos los altos reyes del mundo del uienen; et por tan grand saber e poder, e por tantos bienes et muchos mas quelos que auemos contados aqui que auie en el rey Juppiter, fue el sennor de toda Europa e de todos los pueblos della, assi como dixiemos, e onrraron le todos los mayores reyes delas tierras e todas las yentes; elos gentiles, por todas estas cosas, llamaron le dio, maguer que el era omne. (GE: I, 200b-201a).

É óbvio que Afonso X dificilmente poderia ser o descendente de Júpiter. Também não foi universalmente reconhecido Senhor do Sacro Império e a Península Ibérica, no momento, encontrava-se já irremediavelmente repartida em diversos reinos. No entanto, isso não impediu os intelectuais ao serviço do rei Sábio de jogarem de forma particularmente hábil com todo este manancial ideológico. Tratando-se de questões que, à época, constituíam dados adquiridos, procede-se aqui a um “encaminhamento” destes diversos vectores de forma a apontarem para Afonso X e para a *Hispania* no ocaso das *translationes*.

Estamos pois perante verdadeiras construções intelectuais, fruto do desejo e das aspirações de um ideólogo que sonhava com uma Península Ibérica completamente reconquistada e unida num *Imperium*, que, simultaneamente, seria o destino último da soberania ocidental. Aspirações igualmente ambiciosas são evidentes no âmbito do *Studium*, uma vez que a obra intelectual de Afonso X revela traços nítidos de uma vontade enciclopédica de apropriação de um saber que se quer total, seja do passado, com a historiografia, seja do presente, com a produção legislativa, seja ainda do futuro com os tratados de astronomia e astrologia.

O facto da Península se encontrar no extremo mais ocidental da Europa reforça ainda a sua “predestinação” a destino último das *translationes*. De acordo com esta linha de ideias, Afonso X revela-se igualmente como um

---

<sup>20</sup> O mito do último imperador, vencedor dos “inimigos da cruz”, sob o qual terá lugar um período de paz e de abundância imediatamente seguido pela chegada do anticristo, foi um tema recorrente desde a conversão do imperador Constantino. Serviu múltiplas interpretações consoante os diversos reis que foram “candidatos” ao papel, o que se concretizava, geralmente, graças

possível “candidato” a “bom imperador dos últimos tempos”, aquele que infligirá a derrota final aos muçulmanos, promovendo o período de paz que antecederia o fim do Mundo<sup>20</sup>. Mais um mito, é certo, mas, sobretudo, mais um mito onde os projectos intelectual e político do rei Sábio facilmente se podem enquadrar como variante.

---

a profecias apocalípticas que os designavam de modo mais ou menos discreto. Sobre estas questões ver Bernard McGinn, *Visions of the End. Apocalyptic Traditions in the Middle Ages*, New York, Columbia University Press, 1998, pp. 33, 41, 44-45, 71-75, 84-86, 94-95, 148, 222, 229, 232, 246-252 ou 278.